

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
E LITERATURA

EDINÉIA SOARES DE OLIVEIRA ZIGART

AS POTENCIALIDADES DA CRÔNICA EM SALA DE AULA

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

CURITIBA - PR

2018

EDINÉIA SOARES DE OLIVEIRA ZIGART

AS POTENCIALIDADES DA CRÔNICA EM SALA DE AULA

Monografia de Especialização apresentada ao Departamento Acadêmico do curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná como requisito parcial para obtenção do título de “Especialista em Língua Portuguesa e Literatura”

Orientadora: Profa. Dra. Maurini de Souza

CURITIBA - PR

2018



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura



TERMO DE APROVAÇÃO

AS POTENCIALIDADES DA CRÔNICA EM SALA DE AULA

Por

EDINEIA SOARES DE OLIVEIRA ZIGART

Monografia apresentada às 13:25, do dia 25 de agosto de 2018, como requisito parcial para a obtenção do título de especialista no Curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura, Turma , ofertado na modalidade de Ensino a Distância, pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Curitiba. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho APROVADO.

Maurini de Souza
UTFPR - Curitiba
(orientador)

MARCELO FERNANDO DE LIMA
UTFPR - Curitiba

Joao Mansano Neto
UTFPR - Curitiba

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor de meu destino, meu guia, socorro presente na hora da angústia e nos momentos de felicidade.

Á meus pais, Elias Dias de Oliveira e Adelaide Soares da Costa de Oliveira, frutos de uma sociedade desigual para com o negro e com os pobres, com pouca instrução educacional, mas que sempre souberam enfatizar a importância dos estudos em minha vida.

Á meu esposo, Dirceu Zigart Pereira, pela dedicação e compreensão na minha ausência para que cumprisse as atividades propostas pelo curso.

Aos meus filhos queridos: Gustavo Henrique de Oliveira Zigart, exemplo de fé, força e superação, a Maíra Eduarda de Oliveira Zigart, com sua alegria contagiante e à Júlia Duarte de Macedo, que ainda não tem meu sobrenome, mas mora também em meu coração, por serem eles minhas maiores forças nos momentos difíceis para que essa etapa fosse concretizada.

Aos professores, tutores virtuais, presenciais do curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura na modalidade EAD, pelo comprometimento para com uma formação continuada de qualidade aos professores de Língua Portuguesa e Literatura.

AGRADECIMENTOS

Aos professores do curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura na modalidade EAD, que organizaram o currículo em atividades teóricas e práticas proporcionando uma experiência reflexiva sobre a escola tendo em vista a realidade escolar.

Aos tutores virtuais, mediadores de todo percurso, que sempre foram presentes, auxiliando-nos nas dúvidas, propondo sugestões e indicação de material bibliográfico.

Em especial, a orientadora Maurini de Souza, pela incessante tarefa de lapidação deste Trabalho de Conclusão de Curso.

As tutoras presenciais, Elaine e Vanessa, polo Jales, por seu profissionalismo, dedicação e simpatia.

Enfim, agradeço a todos que estiveram presentes em minha trajetória acadêmica, colegas do Polo Jales, que contribuíram através dos fóruns de discussões, com trocas de experiências, na construção coletiva do conhecimento.

RESUMO

ZIGART, Edinéia Soares de Oliveira. **As potencialidades da crônica em sala de aula**. 2018. 25f. Monografia (Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura) – Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2018.

O presente Trabalho de Conclusão de Curso surgiu da inquietação por perceber a dificuldade dos professores em trabalhar com determinados gêneros de linguagem; neste sentido, a escolha do gênero crônica foi motivada pelo fato de se tratar de um gênero textual atraente com aspectos do cotidiano, que, a partir das observações dos fatos, levará os alunos a refletirem sobre a condição humana em sociedade. Assim, este projeto de pesquisa tem por objetivo descrever a relevância do trabalho com gêneros textuais e demonstrar essa relevância com o gênero crônica. A metodologia utilizada contemplou embasamento teórico de cunho bibliográfico, tendo assim um caráter qualitativo. As bases teóricas apresentadas foram: Aimée (2008), PCN de Língua Portuguesa (1998), Marcuschi (2010), Mendes (2008) E Schnewly e Dolz (2004). As análises permitiram averiguar que para que de fato os alunos aprendam a escrever, o professor deve desenvolver atividades práticas com base nas teorias dos gêneros textuais e no trabalho proposto no PCN de Língua Portuguesa, por isso, sugere-se um trabalho com o gênero “crônica” em sala de aula, com o propósito de estimular e desenvolver a participação crítica do aluno frente à linguagem e à sociedade.

PALAVRAS - CHAVE: Gênero textual, PCN de Língua Portuguesa, gênero crônica.

ABSTRACT

Zigart, Edinéia Soares de Oliveira. **The potential of the chronicle in the classroom**. 2018. 25f. Monograph (Specialization in Teaching Portuguese Language and Literature) - Academic Department of Language and Communication, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2018.

The present Work of Conclusion of Course arose from the restlessness of perceiving the difficulty of the teachers in working with certain genera; in this sense, the choice of the chronic genre was motivated by the fact that it is an attractive textual genre because it brings aspects of daily life that, from the observations of the facts, will lead the students to reflect on the human condition in society. Thus, this research project aims to describe the relevance of work with textual genres and demonstrate this relevance with the chronic genre. The methodology used included a theoretical basis of bibliographical character, having a qualitative character. The theoretical foundations were: Aimée (2008), PCN of Portuguese Language (1998), Marcuschi (2010), Mendes (2008) and Schnewly and Dolz (2004). The analysis made it possible to ascertain that in order for the students to actually learn to write, the teacher should develop practical activities based on theories of textual genres and the work proposed in the Portuguese Language NCP, so it is suggested a work with the genre "chronic" in the classroom, with the purpose of stimulating and developing the student's critical participation in language and society.

KEYWORDS: Textual genre, PCN of Portuguese Language, chronic genre.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	DIFERENÇAS ENTRE TIPOS TEXTUAIS E GÊNEROS TEXTUAIS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA PRODUÇÃO DE TEXTO	11
3	O PCN DE LÍNGUA PORTUGUESA E O ENSINO DA ESCRITA EM SALA DE AULA	13
4	AS POTENCIALIDADES DA CRÔNICA EM SALA DE AULA	15
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
	REFERÊNCIAS	22

ANEXOS.....	23
-------------	----

1 INTRODUÇÃO

A leitura e a escrita são essenciais para o desenvolvimento das habilidades e competências em qualquer área de conhecimento. Todavia muitos alunos que concluem o ensino médio ainda apresentam dificuldades para compreender um texto ou expressar-se por meio da produção textual, isto porque, muitos professores apresentam dificuldades em trabalhar com os gêneros, sendo especificadas mais suas características do que ensinados num contexto mais amplo.

Salienta-se que esse contexto foi notado durante a minha prática docente na escola estadual José Joaquim dos Santos, em Três Fronteiras, interior de São Paulo, onde a observação resultou na reflexão sobre as dificuldades apresentadas e uma proposta para superá-la, contribuindo para o desenvolvimento dessas competências e habilidades nos alunos.

Desta maneira, a problemática desta pesquisa versa sobre “Como usar o gênero Crônica para ensinar leitura e produção de textos?”.

A escolha do referido gênero foi motivada pelo fato de sê-lo atraente, dependendo da forma como é apresentado ao aluno em sala de aula, uma vez que, trazem aspectos do cotidiano, que, a partir das observações dos fatos, levará os alunos a refletirem sobre a condição humana em sociedade.

Para isto, é essencial que o professor discuta com os alunos o porquê e para quem escrever, visto que, pensando nos textos que circulam socialmente, é possível apreender que eles têm formato próprio, suporte específico, possíveis propósitos de leitura, ou seja, apresentam "características sociocomunicativas", definidas pelo conteúdo, a função, o estilo e a composição do material a ser lido, sendo que é a soma dessas características que define os diferentes gêneros, para que os alunos aprendam a, efetivamente, a escrevê-lo. Para a linguista MARCUSCHI (2009), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), "o que importa é fazer a garotada transitar entre as diferentes estruturas e funções dos textos como leitores e escritores" apud Anderson Moço (NOVA ESCOLA, 2009, p. 49).

Assim, a pesquisa teve por objetivo descrever a relevância do trabalho com gêneros textuais e aplicar, como ferramenta no trabalho, com o gênero crônica. Para tanto, necessitou-se delimitar objetivos específicos tais como: entender como os gêneros textuais contribuem para o ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa; trazer à tona os escritos científicos que abordem o gênero crônica e suas diferentes características; identificar como o Parâmetro Curricular Nacional PCN de Língua Portuguesa aborda o trabalho com gêneros

textuais (BRASIL, 1998); explicitar o uso do gênero crônica, para incentivar a produção de textos, com base nas teorias dos gêneros textuais e no trabalho proposto no PCN. E ainda demonstrar, por meio da descrição de uma aula, a relação dos alunos com Crônicas escritas em tempos diferentes e estimular a criação de textos para publicação, após debate e discussão.

A metodologia utilizada contempla embasamento teórico de cunho bibliográfico, tendo assim um caráter qualitativo. A escolha fundamenta-se pela necessidade da utilização das contribuições de diversos autores sobre o tema da pesquisa, fazendo um resgate teórico. Aimée (2008) é uma das estudiosas citadas, a partir do texto *A crônica em foco: revisão da crítica e análise das características do gênero*; ainda Marcuschi (2010), com *Produção textual, análise de gêneros e compreensão* e Mendes (2008), com *Tipos e gêneros textuais: modos de leitura e de escrita*. Também muitos outros autores que, por meio dos quais foi estabelecida, primeiramente, uma discussão sobre gêneros textuais e suas implicações para o ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa. Em seguida, foi realizada uma análise das considerações que o PCN de Língua Portuguesa faz sobre o trabalho com gêneros textuais. Por fim, destacou-se a relevância desse tipo de abordagem, sugerindo-se um trabalho com o gênero “crônica” em sala de aula, com o propósito de estimular e desenvolver a participação crítica do aluno frente à linguagem e à sociedade.

2 DIFERENÇAS ENTRE TIPOS TEXTUAIS E GÊNEROS TEXTUAIS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA PRODUÇÃO DE TEXTO

Falar do processo de ensino-aprendizagem da produção de texto requer a distinção de duas práticas de ensino que têm permeado nossas escolas: tipos textuais e gêneros textuais. Isto porque, a confusão conceitual que cerca o tema, tem acarretado reflexos negativos sobre os modos como textos e discursos são trabalhados em sala de aula.

Segundo Marcuschi (2005, p. 22 *apud* MENDES, 2008), tipo textual caracteriza-se por:

uma espécie de sequência teoricamente definida pela natureza linguística de sua composição - aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas. Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção.

Já gênero textual, ainda de acordo com esse mesmo autor, representaria os “textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica” (MARCUSCHI, 2005 p. 22 *apud* MENDES, 2008).

Segundo Mendes (2008), depreende-se dessas definições que os tipos textuais são limitados, enquanto os gêneros textuais quase que infinitos, formam um inventário aberto de possibilidades textuais-discursivas. Como exemplo de gêneros textuais, Marcuschi (2005) *apud* Mendes (2008) destaca: telefonema, sermão, cartas (e suas variantes), romance, bilhete, aula expositiva, receita, horóscopo, resenha, lista de supermercado, edital de concurso, piada, notícia jornalística, crônica e outros.

A partir dessa distinção, Mendes (2008) afirma que os gêneros textuais se orientam por critérios externos, sócio-culturais, contextuais, comunicacionais, enquanto que os tipos textuais por critérios internos, formais (estruturais e linguísticos). E complementa, “os tipos e gêneros diferem por sua natureza constitutiva, a primeira, de caráter formal, e a segunda, de caráter contextual e discursivo, respectivamente” (MENDES, 2008, p.175).

Tomando como referência os estudos de análise da linguagem de Bakhtin, que considera a língua como um constante processo de interação mediado pelo diálogo - e não apenas como um sistema autônomo: "a língua materna, seu vocabulário e sua estrutura

gramatical, não conhecemos por meio de dicionários ou manuais de gramática, mas graças aos enunciados concretos que ouvimos e reproduzimos na comunicação efetiva com as pessoas que nos rodeiam" (BAKHTIN, 2000, p. 268).

Assim sendo, a língua é um fenômeno social, isto é, uma forma de ação e de interação social; nessa perspectiva, produzir um texto significa dizer algo a alguém, com alguma intenção, de algum modo, em contextos determinados. O texto é resultado de um processo em que os sujeitos interagem através da linguagem, daí a necessidade do processo de ensino-aprendizagem da produção de texto ir além das análises de coesão e coerência e apreensão de suas características.

Portanto depreende-se que a abordagem mais significativa ao processo de letramento das crianças e jovens dá-se com o trabalho com gêneros textuais, isto porque tal prática envolve a produção de textos para diferentes interlocutores, com diferentes objetivos, em diferentes situações, de modo semelhante ao que acontece em interações fora do contexto pedagógico.

3 O PCN DE LÍNGUA PORTUGUESA E O ENSINO DA ESCRITA EM SALA DE AULA

A disciplina de Língua Portuguesa e Literatura dentro das Diretrizes são vistas, antes de tudo como uma ação, onde se concretizam práticas de uso real da língua materna, uma vez

que, o objetivo do ensino da Língua Portuguesa é formar críticos que possam participar ativamente e, que sejam capazes de identificar e interagir com diversos tipos de textos que circulem socialmente.

Essa proposta construtivista ganhou força na década de 1980, com as pesquisas psicogenéticas e didáticas e a concepção interacionista de linguagem que, tem como um dos principais nomes dessa abordagem, Vygotsky, cuja concepção entende que o conhecimento se dá a partir das relações sociais, sendo produzido na intersubjetividade e marcado por condições culturais, sociais e históricas.

A abordagem sociointeracionista de Vygotsky (1998) exerce uma grande influência sobre o interacionismo sociodiscursivo, desenvolvido por Jean-Paul Bronckart, sendo considerado até mesmo um prolongamento desta. Todavia diferencia-se dela por conceber a linguagem como instrumento fundador e organizador de processos psicológicos superiores (como percepção, cognição, emoções e sentimentos). Assim, a abordagem do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) tem como unidades de análise a linguagem, as condutas ativas e o pensamento consciente, porém, a linguagem destaca-se como o elemento central na abordagem do ISD e, por conseguinte, para uma ciência do humano. Inclusive, o ISD defende que os signos da linguagem fazem parte da gênese da constituição da consciência. Tem-se aí à questão dos gêneros de texto e, neste ponto, a teoria do ISD aprofunda sua investigação a outras questões como o trabalho e suas implicações, sobretudo, no que diz respeito ao agir docente.

Assim, o interacionismo sociodiscursivo está centrado na questão das condições externas de produção dos textos, isso provoca um abandono da noção de "tipo de texto" a favor da de gênero de texto e de tipo de discurso. Neste caso são os gêneros, “como formas comunicativas [...], que serão postos em correspondência com as unidades psicológicas que são as ações de linguagem” (BRONCKART, 2009, p. 15). O foco está no fato do estudante refletir sobre o sistema de escrita, seus usos e suas funções, por isso, os objetos de ensino de Língua Portuguesa são o sistema alfabético e os comportamentos leitores e escritores.

Desta maneira, o PCN de Língua Portuguesa elenca como estratégia de ensino a leitura e escrita feitas pelo professor, produção de textos, leitura (individual e coletiva) dos próprios estudantes e reflexão sobre a língua, assim como, textos de diversos gêneros devem ser trabalhados desde o início da alfabetização até os anos finais.

A proposta do PCN enfatiza a quebra com o tradicional ensino de língua e incentiva o desenvolvimento do trabalho docente a partir de gêneros textuais, visto que a comunicação, sob essa perspectiva, se efetiva por meio de textos. Desta maneira, o que se espera do ensino de Língua Portuguesa é que esta possa possibilitar aos alunos produzir e compreender textos adequados às diversas situações comunicativas. Ou seja, fazer uso dos gêneros textuais apropriados a cada tipo de interlocução.

Assim, a produção textual proposta pelos professores desenvolverá a habilidade de escrita pautada no reconhecimento e na identificação dos gêneros textuais existentes; isso significa que o ensino de produção de texto deve ir além dos três tipos tradicionais (narração, descrição e dissertação), mas envolver também uma perspectiva mais ampla da variedade de gêneros, sempre observando o contexto em que o aluno está inserido. Dessa forma, o aluno será conduzido a conhecer a variedade de gêneros textuais existentes, sendo assim capaz de reconhecer e produzir textos eficientes dentro da tipologia textual.

Ao final do processo educativo, espera-se que o aluno consiga compreender o mundo e suas evoluções de forma mais articulada e expresse uma visão menos fragmentada do que a que tinha no início. Portanto a disciplina de Língua Portuguesa deve assumir a concepção da língua como discurso que se efetiva nas diferentes práticas sociais, fundamentando todo o processo de ensino.

4 AS POTENCIALIDADES DA CRÔNICA EM SALA DE AULA

A palavra crônica é de origem latina, *Chronica*, e objetiva relatar um ou mais acontecimentos do cotidiano em tempo determinado, possui um número reduzido de personagens, ou mesmo nenhum, e seu tom é costumeiramente irônico, reflexivo, humorístico, lírico, crítico e/ou informativo. A crônica, historicamente, é publicada em jornal,

o que tem levantado discussões de estudiosos tentando enquadrá-la no gênero jornalístico ou no gênero literário.

Aline Aimée (2008) inicia seu artigo “A crônica em foco: revisão da crítica e análise das características do gênero” elencando que o hibridismo inerente ao gênero crônica tem causado certa polêmica e algum mal-estar à crítica literária. Seria ela um gênero menor? Teria natureza jornalística ou literária?

A primeira indagação parte de duas premissas: o fato de ser datada torna precária a sua sobrevivência e a questão do pouco tempo para se trabalhar o texto, uma vez que a crônica é um gênero de publicação periódica. Sendo que, o segundo argumento é sustentável, mas, o primeiro suscita “como se explicaria o sucesso de inúmeras coletâneas?”

Aimée (2008), citando Afrânio Coutinho, justifica sua posição: “Gênero literário de prosa, ao qual menos importa o assunto, em geral efêmero, do que as qualidades de estilo, a variedade, a finura e argúcia na apreciação, a graça na análise de fatos miúdos e sem importância, ou na crítica de pessoas. (2003, p. 121)”

Coutinho (2003) reconhece as peculiaridades do gênero, sem por isso julgá-lo menor. E salienta que, o que falta é definir a “intimidade” que tornaria a crônica tão inseparável do jornal, visto que o fato de diversos romances terem sido publicados primeiramente em folhetins, no século XIX, não os descaracteriza enquanto literários (embora a maioria deles tenha sido revista para a publicação em livro). A crônica é escrita especificamente para o jornal, mas isso não é pressuposto para uma mediocridade inevitável.

Coutinho (2003) *apud* Aimée (2008) conclui que aproximar-se mais do jornalismo ou da literatura está a cargo do escritor. É ele quem escolhe a via por onde irá discorrer. Se tiver talento e puser o esforço intelectual necessário, poderá sobrepujar a efemeridade, como assinala Coutinho: “(...) somente será considerado gênero literário quando apresentar qualidade literária, libertando-se de sua condição circunstancial pelo estilo e pela individualidade do autor” (2002, p.123). Os textos literários – romances, contos, poesias – que se notabilizaram pela qualidade, tiveram seu valor ora pelo conteúdo, ora pelo estilo, e muitas vezes por ambos. O mesmo se dará com a crônica, na medida em que o autor souber sobrelevar a circunstância ou fizer brilhar uma estilística própria.

Assim, justamente, por tratar-se de uma mistura, recebendo, de um, a observação atenta da realidade cotidiana e do outro, a construção da linguagem, o jogo verbal, sendo-o de fácil compreensão, sua utilização em sala de aula contribuirá de maneira prazerosa para

despertar no educando o gosto pela leitura autônoma, como também, o tornará um leitor crítico-reflexivo perante uma análise discursiva.

Por isso, o Plano de Trabalho Docente desenvolvido neste trabalho traz como sugestão o gênero crônica, que, ao ser levado para a sala de aula, pretende instaurar práticas diferenciadas no ensino da língua materna, especialmente no âmbito da formação de leitores e escritores competentes. Tem-se aí a prática do trabalho desenvolvido por Jean-Paul Bronckart (2009), o Interacionismo Sociodiscursivo (ISD).

Brait e Pistore (2012) *apud* Silveira et al (2015) alertam para os perigos de se considerar os gêneros do discurso como uma "fórmula mágica", reduzindo o conceito de gênero aos três elementos (composição, conteúdo temático e estilo). Este procedimento se apresenta como um dos motivos que explicam o baixo rendimento do Brasil no que diz respeito ao letramento, pois, de acordo com os autores, se assim o fizer, estará procedendo à leitura de um texto fora do seu contexto. Por isso, é relevante ter em mente que os gêneros "[...] são frutos de um contexto, de uma época, de uma maneira de conceber conhecimento, linguagem, relação homem-mundo" (BRAIT; PISTORE, 2012, p.374). De modo inclusivo, as questões elencadas devem ser observadas, em sala de aula, na seleção dos textos-enunciados do gênero a ser trabalhado, de forma que sejam relevantes para aquela turma, dentro daquela época e adaptados às necessidades da relação do aluno com a realidade na qual ele está inserido, conforme realizado na presente pesquisa.

Assim, O Plano de Trabalho Docente será pautado na análise das crônicas de Lima Barreto e Carlos Drummond de Andrade, pois:

1. Os dois estão na lista dos 10 maiores cronistas brasileiros publicada pelo Correio Brasiliense (FRANCISCO e MACIEL, 2014).
2. Os dois escreveram para jornais – a intenção inicial foi retratar aquele dia, o período em que escreveram a crônica (ligada a *Chronos*), mas os dois extrapolaram e são marcantes hoje, sendo um representante da primeira metade do século e outro, da segunda.
3. Os dois, nas crônicas escolhidas, demonstram a objetividade do tempo em que estavam passando (Barreto, o início da República, que ele, nas suas crônicas, denunciava como uma ditadura, um golpe realizado sem a concordância da população; e Drummond, durante os conhecidos “anos de chumbo” da ditadura militar).

Portanto, depreende-se a importância do estudo desses autores para a turma do segundo ano do ensino médio, sobretudo pelo contexto histórico denunciado.

Sendo que, o Plano de Trabalho Docente contará com as seguintes etapas: (i) diagnóstico do nível de apreensão inicial, ou seja, verificação do que os alunos já sabem acerca do conteúdo didático a ser trabalhado; (ii) fase de problematização, considerando-se o currículo escolar, em que se procura romper com o conhecimento cristalizado, sendo disponibilizados aos alunos exemplares dos gêneros abordados, a fim de que eles possam explorá-los quanto à presença de informações implícitas, evidenciando as estratégias utilizadas nesse processo de compreensão leitora; (iii) fase de instrumentalização, onde se fez uma verificação avaliativa em torno do conteúdo abordado (produção textual).

Tais etapas são contempladas na proposta da Pedagogia do Multiletramento, em que um grupo de pesquisadores de Londres (doravante GNL) identifica quatro dimensões a serem contempladas: usuário funcional, criador de sentidos, analista crítico e prática transformadora. Em síntese, a proposta da Pedagogia do Multiletramento tem como objetivo formar um usuário funcional (aluno) capaz de ler diversos tipos de textos, com competência técnica, com uma metodologia que lhe garanta as habilidades para ler e produzir textos, incluindo as ferramentas disponíveis nas novas tecnologias. Um usuário capaz de ler de modo crítico e agir com uma prática transformadora.

Plano de Trabalho Docente: Produzindo uma crônica

Escola: E.E. “José Joaquim dos Santos”

Localização: centro do município de Três Fronteiras

Turma: 2º ano do ensino médio

Ano: 2018

Duração: 5 aulas (50 minutos cada)

Justificativa:

A crônica é hoje reconhecida como um gênero literário que nasce da prática da escrita cotidiana e está estreitamente ligado ao jornalismo. Desta maneira, propõe-se a análise e a produção deste gênero textual, levando-se em conta esse hibridismo para construir o sentido desse texto.

Objetivos:

Identificar as finalidades e funções da leitura a partir do reconhecimento do gênero textual;

Escrever textos em concordância com a proposta e com o gênero textual.

Metodologia:**Aula 1: O que é uma crônica?** (levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos)

Os alunos deverão estar organizados em roda. O professor deve iniciar a aula com uma pergunta simples “O que é uma crônica?”. Ouvir as respostas e as opiniões do grupo. Depois, perguntar “Onde encontramos este tipo de texto?”. Em seguida, pedir que dêem exemplos de crônicas ou cronistas que conhecem. Explorando o “conceito” de crônica e as várias formas, suportes e veículos de comunicação nos quais se apresentam.

Aula 2 – Observação dos aspectos que compõem uma crônica:

Os alunos deverão estar organizados em semicírculo na sala com retro-projetor. O professor projetará as crônicas - 15 de novembro, de Lima Barreto (Anexo A) e Se eu fosse consultado, de Carlos Drummond de Andrade (Anexo B) - para que os alunos leiam, observem e comentem as características desse gênero, levando-se em conta o interlocutor do texto e o suporte, ou seja, conversar com os alunos sobre as características das crônicas que mostram o tempo – e as questões históricas, sociais, políticas, culturais... - em que ela foi escrita e questionar com eles em que sentido elas continuam sendo atuais.

Aula 3 – Construindo sua própria crônica

Na sequência (ou na aula seguinte, para que os alunos tenham tempo de pesquisar em casa – no caso de haver computadores na escola, os alunos podem fazer uma pesquisa na internet para levantar informações), a proposta de escrever sobre algum assunto atual que, para eles, vão continuar vigente por se tratar de um problema histórico nacional. Eles sugerem os temas e escrevem sobre eles.

A escrita deve ser feita em duplas.

Aula 4 – revisão das crônicas criadas

Os alunos deverão estar organizados em duplas, o professor deve possibilitar as trocas entre as crônicas produzidas entre as duplas. Cada dupla será convidada a analisar as crônicas de outra dupla e se posicionar frente ao tema discutido e a organização do texto.

Depois, os alunos que as redigiram devem revisar o texto, fazendo as devidas correções de acordo com os apontamentos dos colegas.

Aula 5: Produção de um jornal mural

Na sequência, produzir um jornal mural, para expor na escola os textos.

Avaliação

O professor avaliará o desempenho dos alunos verificando se:

- Escolheram um tema relevante para a escrita.
- Compreenderam as informações e a finalidade de uma crônica?
- Durante a correção das crônicas dos colegas fizeram considerações importantes auxiliando os colegas a reescrevê-las?
- Participaram ativamente das atividades?

Salienta-se que os pesquisadores em linguística aplicada utilizados como referência a este trabalho, Marcuschi (2010), Schneuwly e Dolz (2004) dialogam com a área da didática desse plano, uma vez que o ensino da escrita foi pautado na teoria dos gêneros textuais, promovendo uma interação do/a aluno/a com a leitura de modo que ele/a se posicionasse criticamente sobre o que lê, com a problematização das intenções do autor, das esferas de circulação, da função social do texto, etc.

A forma como o conteúdo foi abordado, isto é, o aprofundamento e enfoque dado, também estão de acordo com os pesquisadores Schneuwly e Dolz (2004), que apontam para

um ensino em espiral, onde, um mesmo gênero pode ser trabalhado em qualquer série, variando apenas a complexidade, sendo aprofundadas de acordo com o avanço do aluno, assim, as atividades apresentadas buscaram envolver a leitura e a produção textual do gênero crônica, com os alunos do 2º ano do ensino médio.

Ressalta-se também, que o trabalho com o gênero “Crônica” foi além da exploração de suas características, que são:

- a) Publicada geralmente em jornais ou revistas;
- b) Ambiguidade entre texto jornalístico e texto literário;
- c) Relato híbrido entre subjetividade e objetividade de fatos do cotidiano;
- d) Consiste em um texto curto;
- e) Pode apresentar elementos básicos da narrativa - fatos, tempo, personagens e lugar - com tempo e espaço situados em um presente que, determinadas vezes, se torna absoluto;
- f) O narrador pode ser observador ou se constituir em personagem;
- g) Emprega diferentes variantes da língua;
- h) Pode apresentar discurso direto, indireto e indireto livre.

É importante salientar que os pressupostos teóricos sobre o gênero e o PCN foram usados como ferramentas no planejamento didático das atividades, assim; as atividades pautaram na importância que a escrita adquiriu ao longo do tempo e a relevância desse ensino para com os alunos do ensino médio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Plano de Trabalho Docente foi desenvolvido em etapas para a formação de escritores competentes e eficazes, que aprendam a revisar o próprio texto, assumindo o papel de avaliador, como sugere o Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) de Língua Portuguesa. Através da atividade apresentada como síntese da proposta deste trabalho, será possível, também, proporcionar aos alunos envolvidos o desenvolvimento do gosto pela leitura, da autonomia – tratar da realidade – e sua sensibilidade, cumprindo o objetivo da produção de uma crônica, auxiliando na melhoria do processo de ensino, uma vez que foram desafiados a escrever para um público que realmente exista (produção de um mural de crônicas), deixando de ser uma atividade mecânica para ganhar sentido, estimulando e desenvolvendo a participação crítica do aluno frente à linguagem e à sociedade.

A escolha do gênero crônica está pautada no PCN que postula que o texto deve ser objeto de ensino privilegiado e deve ser visto como forma discursiva que reflete a diversidade de gêneros recorrentes na sociedade. Ainda de acordo com o PCN, o objetivo geral deve ser de criar condições para que o aluno possa desenvolver sua competência discursiva, a qual reúne competências linguísticas e estilísticas, ou seja, seus conhecimentos sobre a língua ao mesmo tempo em que seleciona recursos expressivos adequados às condições de produção, à destinação, às finalidades e objetivos do texto e ao gênero e suporte.

Ao observar a realidade escolar e confrontá-la com os fundamentos teóricos surgiram informações valiosas, como as levantadas no decorrer desse trabalho, que serviram de base para pensar nos objetivos de aprendizagem e eleger um Plano de Trabalho Docente, com atividades desafiadoras para os alunos, proporcionando mais clareza e visão para a tomada de decisão.

Portanto, o objetivo deste trabalho foi alcançado, uma vez que, a revisão teórica foi bastante válida e contribuiu para alicerçar alguns conhecimentos essenciais para o desenvolvimento do Plano de Trabalho Docente, através do qual foi possível responder a questão de pesquisa: “Como usar o gênero Crônica para ensinar leitura e produção de textos?”.

REFERÊNCIAS

- AIMÉE, Aline. **A crônica em foco: revisão da crítica e análise das características do gênero**, in: Anais do XII Congresso Nacional de Linguística e Filologia (Cadernos do CNLF), RJ: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos (CiFEFiL) / UERJ, XII (7): 22-27, 2008. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xiicnlf/07/02.pdf>. Acesso em 20/05/2018.
- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do Discurso**. In: BAKHTIN, M. Estética da Criação Verbal. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. Trad.: Paulo Bezerra.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Terceiro e quarto ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRONCKART, J.-P. **Atividade de linguagem, textos e discursos**. São Paulo: EDUC, 2009.
- JORNAL DO BRASIL. ANDRADE, Carlos Drummond de. **Se eu fosse consultado**. Disponível em: <http://www.jb.com.br/especial-drummond/noticias/2012/07/02/cronica-no-jornal-do-brasil-em-abril-de-1977-se-eu-fosse-consultado-2/>. Acesso em 15/05/2018.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- MENDES, Edleise. **Tipos e gêneros textuais: modos de leitura e de escrita**. SIGNUM: Estud. Ling., Londrina, n. 11/1, p. 167-180, jul. 2008.
- MOÇO, Anderson. **Gêneros Como Usar**. Nova Escola, São Paulo, ano XXIV, n. 224, p.48-57, ago. 2009.
- SCHNEWLY, Bernard; DOLZ, Joaquin (orgs.). **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.
- SILVEIRA, A. P. P. ; GUERRA JUNIOR, A. L. ; Eliza Adriana Sheuer Nantes ; Simm, Juliana Fogaça Sanches . **Desvendando as Informações Implícitas em Gêneros Multimodais**. UNOPAR Científica. Ciências Humanas e Educação , v. 16, p. 114-123, 2015. Disponível em: <http://www.pgsskroton.com.br/seer/index.php/ensino/article/view/2895/2832>>. Acesso em 20/05/2018.
- VYGOTSKY, L. V. **Pensamento e Linguagem**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ANEXO A: “15 de novembro”

Lima Barreto

Escrevo esta no dia seguinte ao do aniversário da proclamação da República.

Não fui à cidade e deixei-me ficar pelos arredores da casa em que moro, num subúrbio distante. Não ouvi nem sequer as salvas da pragmática; e, hoje, nem sequer li a notícia das festas comemorativas que se realizaram. Entretanto, li com tristeza a notícia da morte da princesa Isabel. Embora eu não a julgue com o entusiasmo de panegírico dos jornais, não posso deixar de confessar que simpatizo com essa eminente senhora.

Veio, entretanto, vontade de lembrar-me o estado atual do Brasil, depois de trinta e dois anos de República. Isso me acudiu porque topei com as palavras de compaixão do Senhor Ciro de Azevedo pelo estado de miséria em que se acha o grosso da população do antigo Império Austríaco. Eu me comovi com a exposição do doutor Ciro, mas me lembrei ao mesmo tempo do aspecto da Favela, do Salgueiro e outras passagens pitorescas desta cidade.

Em seguida, lembrei-me de que o eminente senhor prefeito quer cinco mil contos para reconstrução da avenida Beira-Mar, recentemente esborrachada pelo mar. Vi em tudo isso a República; e não sei por quê, mas vi. Não será, pensei de mim para mim, que a República é o regime da fachada, da ostentação, do falso brilho e luxo de parvenu, tendo como repoussoir a miséria geral? Não posso provar e não seria capaz de fazê-lo.

Saí pelas ruas do meu subúrbio longínquo a ler as folhas diárias. Lia-as, conforme o gosto antigo e roceiro, numa "venda" de que minha família é freguesa. Quase todas elas estavam cheias de artigos e tópicos, tratando das candidaturas presidenciais. Afora o capítulo descomposturas, o mais importante era o de falsidade. Não se discutia uma questão econômica ou política; mas um título do Código Penal.

Pois é possível que, para a escolha do chefe de uma nação, o mais importante objeto de discussão seja esse?

Voltei melancolicamente para almoçar, em casa, pensando, cá com os meus botões, como devia qualificar perfeitamente a República.

Entretanto - eu o sei bem - o 15 de Novembro é uma data gloriosa, nos fastos da nossa história, marcando um grande passo na evolução política do país.

Marginália, 26-11-1921

ANEXO B: Se eu fosse consultado

(Quinta-feira, 14 de abril de 1977)

Carlos Drummond de Andrade

Se me dessem a honra de ouvir-me sobre as reformas políticas, eu recomendaria uma ideia bem mais revolucionária do que as da própria Revolução. E muito mais salutar: a eleição integral, em que todos os brasileiros, mas todos, sem exceção das crianças, hoje tão sabidas, escolhessem seus representantes e dirigentes, sob a forma de voto mental absoluto, sem papagaiadas formalísticas.

Os mandatos teriam a duração exemplar de 24 horas, o que eliminaria angústias e infartos, e poderiam ser, não digo cassados, pois julgo a expressão extremamente antipática, mas revogados, caso no fluir dos minutos o eleitor achasse que fizera má escolha. Em compensação, poderiam ser renovados na manhã seguinte e nas outras manhãs, sempre que o eleitor se mantivesse contente com os mandatários e não quisesse experimentar outros. Desta maneira teríamos a cada sol, ou a cada dia de chuva, governo e representação popular novos, que, se fossem ótimos, poderiam ser confirmados quando o galo cantasse outra vez (o galo ou a serraria do bairro), e, caso não dessem no couro, teriam feito o menor mal possível à mente do seu eleitor.

Já sei que impugnariam o meu projeto, apontando-lhe mil inconvenientes, entre os quais o de provocar a anarquia governamental e legislativa, pois não haveria um só presidente, e sim talvez milhões, dada a tendência de muito eleitor a votar em si mesmo, o que se repetiria para a eleição para governadores, senadores, deputados, prefeitos e vereadores. Podendo até dar-se o caso de um mesmo indivíduo eleger-se simultaneamente para todas essas funções. Como governar, como elaborar leis desta maneira?

Bem, eu já previa esta objeção principal, como tantas outras, e afirmo que a explanação da ideia fará com que ela rutila em seu justo e convincente esplendor. Os órgãos políticos assim constituídos não trariam a menor perturbação à vida do país. Pelo contrário, só poderiam ofertar-lhe benefícios, pela soma de boas influências de cada eleito, no ânimo de seu

respectivo eleitor. A democracia funcionando dentro de nós, com eficácia, e não supostamente do lado de fora, sujeita a esbarrões e desvios. Nisso consiste a beleza do meu sistema.

Eu, por exemplo, me daria o prazer, ou o privilégio, de ser governado em 1º de janeiro por mestre Alceu Amoroso Lima. Para renovação da alegria, meu presidente no dia 2 seria Maria Clara Machado (Que diabo, então mulher inteligente não pode assumir o posto?) Depois seria a vez de César Lattes, Vinícius de Moraes, Paulo Duarte, Prudente de Moraes, neto, essa folha-de-malva que se chama Henriqueta Lisboa, Aliomar Baleeiro, Luis da Camara Cascudo, Fayga Ostrower, Pedro Nava, Francisco Mignone, Enrico Bianco, Eliseth Cardoso, Orígenes Lessa, Fernanda Montenegro ... Tudo gente boa, de respeito. E de imaginação. Estes, e outros assim, os meus presidentes ao longo do ano. Meus vizinhos escolheriam os deles.

Ninguém brigando por motivo de ambição. Em santa paz, cada qual seria governado, orientado, instigado pela figura de sua dileção. Por serem de jurisdição limitada ao âmbito das pessoas que os elegessem, não colidiriam entre si tantos presidentes, situados na extensão infinita (e mínima) de nossas preferências pessoais. Todos nós, eleitores, nos sentiríamos impelidos, na esfera individual, a fazer o melhor possível, sob esse comando abstrato. E vivendo e trabalhando cada um de nós ao influxo de tal regência moral, este seria um país que não precisaria criar calos nos pé e na alma para ir pra frente.

Bem, insistirão ainda os opositores: E quem governaria de fato o Brasil, quem faria leis para serem realmente executadas? Ora, pergunta vã. Se na prática tais poderes podem ser concentrados numa só pessoa, minha proposta consiste apenas em estender esta faculdade, no plano ideal, que também conta, a todos os integrantes da comunidade. Sem bulha nem ameaça à segurança nacional, e com plena consciência de todo mundo.